

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ


MICHEL DE CERTEAU: 100 ANOS

Leandro Couto Carreira Ricon

 <https://orcid.org/0000-0003-1893-4816>

Universidade Católica de Petrópolis e Universidade de Pernambuco

Silvânia Mineira Ribeiro Sottani

 <https://orcid.org/0000-0001-5428-8159>

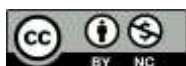
Fundação Dom Cabral e Faculdade EnsineE

Michel Jean Emmanuel de La Barge de Certeau nasceu em Chambéry, na França, em maio de 1925. Filho mais velho de uma família católica devota com origens na pequena aristocracia rural de Savoie, o jovem Michel se ligaria fortemente à religiosidade. Sua formação inicial deu-se em colégios católicos, e ele se vinculou, ainda jovem, à Companhia de Jesus, ordem religiosa à qual dedicaria grande parte de sua vida e obra (RIGGIO, 2016).

Definir Michel de Certeau para além desses aspectos cronológicos de sua vida é um desafio, como bem demonstra a monumental biografia escrita por François Dosse (2003). Afinal de contas, o próprio biografado pareceu evitar classificações, recusando definições demasiadamente rígidas que pudessem limitar sua liberdade intelectual. Como bem observou Roger Chartier (1996), a missão primordial de Certeau foi a de “escrever as práticas”, um projeto que exige uma autonomia avessa às fronteiras disciplinares tradicionais. Esse perfil de “pensador viajante” permitiu que ele atravessasse diferentes espaços — basta lembrarmos da série de viagens feitas à América Latina, notadamente ao Brasil — e campos do saber — da história à psicanálise, da mística à antropologia... —, consolidando uma trajetória marcadamente plural e transdisciplinar.

Essa liberdade de trânsito intelectual manifesta-se diretamente, por exemplo, em sua abordagem sobre a “invenção do cotidiano”, por meio da qual foi um dos responsáveis por revolucionar disciplinas como a sociologia, a antropologia e a história ao deslocar o olhar das estruturas para o “homem ordinário”, os “praticantes” (CERTEAU, 1994). Diferente das visões que enxergam o consumidor como uma figura passiva e alienada pelos sistemas de produção, Certeau o identificou como um sujeito ativo que reinventa o mundo através de suas “artes de fazer”. O cerne dessa dinâmica reside na distinção fundamental entre estratégia e tática: enquanto as instituições e os poderes estabelecidos operam por meio de estratégias — ocupando um lugar próprio para gerir e controlar —, o indivíduo comum, desprovido de um lugar de poder, utiliza-se de táticas. Essas são astúcias do momento, manobras que subvertem as regras impostas no dia a dia para criar pequenos, mas vitais, espaços de liberdade e resistência dentro da ordem estabelecida.

Essa resistência operada nas frestas do cotidiano encontra um paralelo profundo em suas reflexões sobre a mística. Para o autor, o discurso místico é uma modalidade de



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

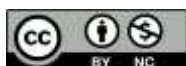
linguagem que tenta dar voz ao “Outro”, ao “Ausente”, operando no limite do que pode ser dito. Essa verdadeira “antropologia do crer” — que motivou o Papa Francisco a mencionar Michel de Certeau na primeira entrevista concedida após sua eleição, o que deu novo fôlego às pesquisas sobre o autor — revela que a mística em Certeau possui uma dimensão intrinsecamente política e social: é a busca incessante de um sujeito que não se satisfaz com o instituído e que procura, no deserto das instituições, um lugar para a experiência. Assim, tanto na análise da mística quanto na escrita da história, seu pensamento permanece fixo no lugar da alteridade, manifestando uma preocupação ética e intelectual permanente com tudo aquilo que habita o externo, a margem ou os silêncios.

Essa atenção à alteridade, às diferenças e às margens deságua em uma reflexão que é, em larga medida, fundante para a teoria da história contemporânea: a percepção da *operação historiográfica* (CERTEAU, 2002). (A bem da verdade, como sinalizou Roger Chartier (1996), em Certeau é a história, dentre todas as ciências humanas, a mais apta para representar a diferença, colocando em cena a alteridade).

Certeau não se limitou a produzir narrativas sobre o passado, mas debruçou-se sobre o próprio gesto de fabricação do texto histórico, compreendendo-o como uma articulação entre um *lugar social*, uma *prática* e uma *escrita* propriamente dita. Segundo as análises de Julio Aróstegui (2006), o intelectual francês foi um dos intérpretes mais agudos das especificidades da historiografia do século 20, conseguindo captar as transformações profundas na produção do conhecimento histórico em um período de crises paradigmáticas. Para Michel de Certeau, a história não é, portanto, um dado pronto, mas uma operação que se articula no lugar social e na relação com a ausência do objeto passado. O trabalho do historiador, nesses termos, transforma o “morto” em um discurso.

Nesse processo de amadurecimento epistemológico, Certeau cruzou constantemente as fronteiras com a filosofia, ocupando-se de questões que, até então, pareciam restritas àquele campo, como, por exemplo, a natureza da explicação em história. Nesse tom, é importante destacar como essa preocupação com os modos de explicar e dar sentido aos acontecimentos retirou o fazer histórico de um pragmatismo ingênuo, elevando-o ao status de uma ciência da interpretação que exige consciência crítica sobre suas próprias ferramentas. No cerne de suas preocupações estava a questão da diferença, pois entendia a historiografia como o esforço de lidar com a alteridade radical do passado sem, no entanto, domesticá-la. O historiador deve reconhecer a distância temporal não como um obstáculo, mas como a condição de possibilidade para uma ética da diferença, onde o passado é respeitado em sua singularidade e o discurso histórico se torna o lugar onde o Outro pode finalmente ser ouvido, sem ser reduzido às categorias do Mesmo.

Essa busca pela diferença e pelo rigor metodológico é o que confere à vasta produção de Michel de Certeau uma amplitude raramente vista. De acordo com Alexandre de Sá Avelar e Júlio Bentivoglio (2016), o autor não foi apenas um intelectual que dialogou com outros campos, mas o verdadeiro instaurador, em certa medida, da transdisciplinaridade como forma de conhecimento. Sua obra não aceita o confinamento em gavetas disciplinares. Ao contrário, flui entre a história, a psicanálise, a antropologia, a linguística, forçando cada uma dessas áreas a repensar seus próprios limites. Através de trabalhos inovadores, Certeau mudou de maneira definitiva a forma como olhamos para as práticas sociais, retirando-as da obscuridade do *menor* para transformá-las em objetos de uma análise densa e reveladora sobre a criatividade humana diante dos sistemas de poder.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

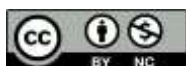
Essa presença marcante e transdisciplinar reflete-se com vigor no cenário acadêmico brasileiro, onde sua obra se tornou uma referência indispensável para múltiplos domínios do saber. No Brasil, o pensamento do autor atravessou fronteiras e fincou raízes em campos tão diversos quanto a teologia e a ciência da religião; a história e a antropologia; a linguística e a comunicação; os estudos da cultura e a educação. É justamente essa vitalidade transdisciplinar que justifica a organização deste Dossiê no marco de seu centenário. Celebrar os cem anos de Michel de Certeau não é um exercício de nostalgia biográfica ou de exegese de um pensamento estático, mas uma necessidade premente de operacionalizar esse legado plural para enfrentar os desafios do século 21.

O dossiê que ora apresentamos nasceu, nos termos mencionados, do desejo de revisitar o pensamento do intelectual francês, um autor cuja obra continua a oferecer elementos interpretativos fundamentais para compreendermos as complexidades do nosso tempo. A proposta inicial, que buscava investigar a vitalidade de suas reflexões como ferramenta analítica para a historiografia contemporânea, consolidou-se em um conjunto de trabalhos que demonstra como o legado de Certeau permanece operante e necessário ainda hoje.

A publicação deste material na *Sæculum* reforça, igualmente, o compromisso do periódico com a circulação de debates historiográficos de alto nível. Vinculada à pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a revista consolidou-se como um espaço importante de diálogo acadêmico nacional, e agora, no contexto das celebrações do centenário de Michel de Certeau, cumpre um papel: dar visibilidade a novas leituras que conectam sua obra com os problemas, desafios e dilemas atuais. Por isso, os textos aqui reunidos não se limitam a repetir, mas empenham-se em estabelecer diálogos críticos e criativos com temas urgentes, explorando desde as invenções do cotidiano até as manifestações do místico e da espiritualidade, passando, é claro, pelas discussões historiográficas propostas pelo autor.

Iniciamos a caminhada — termo tão caro a Certeau — deste Dossiê com o trabalho de Jordan Queiroz Gomes, *Por uma ontologia da fonte: vestígio e artefato na Operação Historiográfica de Michel de Certeau*, que nos convida a mergulhar na fábrica do historiador ao discutir a própria natureza da fonte histórica. O autor investiga como Michel de Certeau, ao enfrentar o desafio do *linguistic turn*, redefiniu o documento como algo que é, simultaneamente, um vestígio material do passado e um artefato construído pela linguagem. Trata-se, portanto, de uma reflexão fundamental sobre como o fazer histórico se equilibra entre o rigor metodológico e a ética diante da alteridade do passado. Nestes termos, o autor aponta para como “a crítica do giro retórico permitiu à história reinventar-se como uma ciência da interpretação, cuja cientificidade reside no rigor da mediação entre o vestígio da experiência passada e a construção da narrativa”.

Encaminhando-se aos campos de aplicação, Julia Rany Campos Freitas Pereira Uzun e Carlos André Silva de Moura examinam as *Contribuições de Michel de Certeau para a História Cultural das Religiões*. Os autores destacam como o pensador francês utilizou sua posição marginal no campo acadêmico para criticar a neutralidade do discurso histórico, propondo, em vez disso, uma antropologia do crer. O texto demonstra, assim, como a mística e as práticas ordinárias revelam que a produção da história é sempre atravessada pelas categorias e inquietações do presente.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

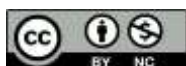
Aprofundando a reflexão sobre a crença, Clarissa Paranhos de Araújo Ribeiro dedica-se, em *Dizer para crer: autoridade e transmissão na antropologia certaliana do crer*, aos escritos de Certeau sobre o “funcionamento social do crer”. O artigo, apoiado em bibliografia do autor ainda pouco discutida na historiografia brasileira, foca na intrigante relação entre o “dizer” e o “crer”, explorando conceitos centrais como o “recebido” e a “autoridade”. Ao analisar a transmissão verbal e a interlocução entre sujeitos, a autora nos ajuda, enfim, a compreender como a crença se sustenta não apenas pelo que é dito, mas pela autoridade compartilhada.

O cotidiano ganha centralidade prática no texto *O Cotidiano como Lente Interpretativa: Michel de Certeau e a História Cultural das Religiões na Análise das Táticas das Testemunhas de Jeová no Brasil (1920 - 1930)*, de Osório Vieira Borges Júnior, que mobiliza *A invenção do Cotidiano: artes de fazer* para analisar a trajetória das Testemunhas de Jeová no Brasil. Ao encarar o fenômeno religioso como uma manifestação enraizada nas práticas sociais, o autor mostra como uma ortodoxia internacional é apropriada e reelaborada por meio de táticas e agenciamentos micropolíticos. Trata-se de um exemplo profícuo de como os conceitos propostos por Certeau podem ser utilizados como lentes interpretativas das resistências e produções de sentido.

Por fim, encerramos o dossiê com o artigo *Conexões de escrita do tempo, de espaços e do outro: heterologias na Revista do Instituto do Ceará (1887 - 1891)*, de Thiago Braga Teles da Rocha, que nos leva ao cenário institucional da Revista do Instituto do Ceará no final do século XIX. Dialogando com o conceito de “heterologias”, o autor analisa a fabricação de identidades históricas regionais e as estratégias narrativas utilizadas na época. Ao refletir sobre esse *lugar de escrita*, o texto amarra as discussões anteriores e nos provoca a pensar sobre as possibilidades ainda abertas para a pesquisa em diálogo com o legado de Michel de Certeau.

REFERÊNCIAS

- ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, EDUSC, 2006.
- AVELAR, Alexandre de Sá; Bentivoglio, Julio. Michel de Certeau. In: Bentivoglio, Julio; Avelar, Alexandre de Sá. *Afirmção da História como ciência no século XX: de Arlette Farge a Robert Mandrou*. Petrópolis: Vozes, 2016, pp. 103-118.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. Estrategias y tácticas. De Certeau y las “artes de hacer”. In: Chartier, Roger. *Escribir las prácticas: Foucault, de Certeau, Marin*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1996, pp. 55 - 72.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

DOSSE, François. *Michel de Certeau: El caminante herido*. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2003.

RIGGIO, Giuseppe. *Michel de Certeau*. Morcelliana, 2016.

Notas de autoria

Leandro Couto Carreira Ricon. Doutor e Mestre em História Comparada pelo Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor permanente junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Teologia e Humanidades da Universidade Católica de Petrópolis, instituição na qual ministra, no curso de História, as disciplinas de Historiografia e de Teoria da História. Professor da Universidade de Pernambuco (UAB). Coordenador de Pesquisa e Extensão da Faculdade EnsinE. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria da História e Educação (GEPETHE-CNPq). Atualmente dedica-se a pesquisas acerca da Teoria e da Filosofia da História e suas múltiplas articulações com o campo da Educação. E-mail: leandro.ricon@ucp.br

Silvânia Mineira Ribeiro Sottani. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora convidada da Graduação em Administração da Fundação Dom Cabral e docente da Especialização em Avaliação Psicológica do IESPE (Juiz de Fora). Pesquisa atualmente no campo da Filosofia Política, desenvolvendo o conceito de “Biopolítica dos Afetos”, concebido no doutoramento, com ênfase na relação entre a ascensão conservadora, gestão dos afetos e circulação da intolerância. Email: silsottani@gmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

RICON, Leandro Couto Carreira; SOTTANI, Silvânia Mineira Ribeiro. Apresentação Dossiê Michel de Certeau: 100 anos. *Sæculum – Revista de História*, v. 30, n. 53, p. 113-118, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

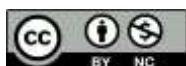
Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

da obra.

Histórico

Recebido em 19/03/2026

Aceito em 20/03/2026



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)